

Quadrantes da correspondência de Murilo Miranda

Quadrants of Murilo Miranda's letters

Mônica Gomes da Silva¹

Resumo:

Murilo Miranda é reconhecido pelo papel de destaque na divulgação e promoção das artes no Brasil. A partir da prospecção do seu acervo na Fundação Casa de Rui Barbosa, este trabalho volta-se para o levantamento e a análise de sua correspondência passiva entre as décadas de 1930 e 1940. Objetiva-se, assim, entrever o movimento epistolar que animou a produção da *Revista Acadêmica* durante a Segunda Grande Guerra Mundial e a ditadura do Estado Novo.

Palavras-chave: arquivo; carta; Murilo Miranda; Revista Acadêmica; tempos sombrios.

Abstract:

Murilo Miranda is known for his outstanding role in the spread and support to arts in Brazil. Based on research in his records in the Foundation Casa de Rui Barbosa, this article focuses on the survey and analysis of the letters he received during the 1930's and 1940's. Thus, the aim is to glimpse the epistolary flow which boosted the production of the *Revista Acadêmica* during the Second World War and the dictatorship of the Estado Novo.

Keywords: letter; archives; Murilo Miranda; Revista Acadêmica; dark times

1 Introdução

Murilo Miranda (1912-1971) desenvolveu uma intensa e diversificada carreira na difusão e promoção das artes no Brasil, em especial, da literatura e da pintura que incorporaram as conquistas formais do Modernismo. À frente da *Revista Acadêmica* (1933-1948), que alcançaria grande prestígio no cenário cultural brasileiro, Murilo Miranda estabeleceu uma extensa rede epistolar que congregava escritores, pintores, livreiros e jornalistas nos quatro cantos do país e nas terras visitadas/habitadas por autores brasileiros e/ou artistas estrangeiros afins à proposta da *Revista Acadêmica* (R.A.).

Atualmente, a maior parte do acervo do escritor encontra-se sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)². Os documentos distribuídos em treze caixas são compostos por

¹ ORCID: 0000-0002-9610-3017. Doutora em Estudos Literários (UFF/RJ). Professora Adjunta de Literatura Brasileira (UFRB/BA). E-mail: mgs@ufrb.edu.br

² Foram identificados outros documentos do autor e de seus correspondentes nos acervos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV, Arquivo Gustavo Capanema); Fundação da Biblioteca Nacional (FBN - Coleção Murilo Miranda); Instituto de Estudos Brasileiros Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 24-42, jul./dez., 2022

cartas, artigos, certificados, diplomas, carteiras, datiloscritos e cópias de exemplares da produção muriliana, condecorações, relatórios, recortes de jornal, programas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, fotos de Murilo e de personalidades das artes e da política no Brasil. A consulta ao vasto material do acervo permite acompanhar, entre outros aspectos da trajetória muriliana, o movimento que anima a produção da *Revista Acadêmica*, cujas discussões tomam forma, em primeira mão, nas cartas com seus numerosos correspondentes.

Desse modo, este trabalho volta-se para o levantamento e a descrição da correspondência passiva do escritor entre as décadas de 1930 e 1940 no Acervo Murilo Miranda na FCRB. Busca-se indicar os seus principais interlocutores e temas abordados, cujas cartas se constituem uma verdadeira oficina da *R.A.* Por outro lado, é possível, também, entrever a ação dos intelectuais e artistas, num contexto de guerra e polarização ideológica acirrada, os “tempos sombrios” (ARENDDT, 2008, p. 5) presentes no horizonte dessa produção. Ao lado do trabalho de Hanna Arendt (2008), para a fundamentação teórica, foram utilizados os estudos de Antonio Candido (2011), Eliane Vasconcellos (2012a, 2012b), José-Luiz Diaz (2012), Moacir Werneck de Castro (1981) e Muza Clara Chavez Velasques (2000), entre outros.

A fim de contemplar os objetivos propostos, o artigo se divide em mais duas seções. A segunda seção Murilo Miranda, breve esboço biográfico propõe revisar, sinteticamente, a trajetória intelectual irrequieta e eclética do escritor, dimensionando seu papel no cenário editorial e artístico desde os anos de 1930 até o início da década de 1970. A terceira seção Quadrantes da correspondência de Murilo Miranda realiza o levantamento das cartas recebidas por Murilo Miranda sobre as colaborações para a *R.A.*, entre as décadas de 1930 e 1940. O recorte se justifica em razão da grande quantidade de cartas recebidas em decorrência das diversas atividades desempenhadas por Murilo, fazendo-se imperativo, portanto, estabelecer um marco temporal para abordá-las no espaço de um artigo. Ademais, acresce o ineditismo da seleção, uma vez que, da correspondência passiva de Murilo Miranda, apenas as cartas enviadas por Mário de Andrade foram publicadas no livro *Mário de Andrade, Cartas a Murilo Miranda* (1934-1945), com anotações e comentários de Raúl Antelo (1981).

Portanto, mapear os correspondentes do período ajuda a compor o painel epistolar do escritor e entender a importância e as repercussões da *R.A.* Comprova-se, após percorrer alguns dos quadrantes da correspondência de Murilo Miranda, a importância do escritor e da sua rede

da Universidade de São Paulo (IEB-USP - Acervo Mário de Andrade) e Instituto Moreira Sales (Arquivo/Coleção: Érico Veríssimo).

epistolar para a discussão sobre o legado modernista. Por fim, conclui-se que estudar essas cartas é uma forma de jogar luz sobre a ação intelectual em tempos de exceção.

2 Murilo Miranda, breve esboço biográfico

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1912, Murilo Miranda é uma das figuras de destaque nas artes brasileiras, sendo um dos seus mais inquietos e dinâmicos divulgadores. A formação na Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro, entre 1932 e 1936, quando obtém o grau de bacharel em Direito, é decisiva para o intelectual. O período coincide com o início da *Revista Acadêmica*, uma publicação que capta as inquietações dos estudantes do curso de Direito e contempla os debates literários e políticos da época, permitindo a abertura de um campo para a crítica profissional. Aos vinte e um anos de idade, o jovem acadêmico Murilo Miranda participa, junto com Moacir Werneck de Castro, da fundação da *R.A.* que se tornou uma das publicações literárias e críticas de mais sucesso no país, alcançando, ao longo de quinze anos, a marca de setenta números.

É recorrente nos textos sobre a *R.A.* (cartas, depoimentos e artigos) a alusão à juventude dos “rapazes” que irão mobilizar diferentes gerações na elaboração dos números da revista. O grupo que se “reunia na Taberna da Glória, na Brahma e em alguns bares da Lapa” (MIRANDA, 1981, p. 6) discutia, entusiasticamente, sobre os acontecimentos — literários, políticos, culturais, sociais — que agitavam os tensos dias pós-revolução de 1930 e da Segunda Grande Guerra. Ao lado de Murilo e Moacir Werneck de Castro, foram integrantes do grupo da Taberna da Glória os jovens acadêmicos Carlos Lacerda, Lúcio Rangel, Dante Viggiani e Otávio Dias Leite que aparecem imbuídos do engajamento que seria exigido de todo intelectual naquele momento, fosse à esquerda ou à direita do espectro político.

Entretanto, um dos luminares intelectuais da revista será o escritor paulistano Mário de Andrade que frisa a diferença da sua “geração imediatamente pós-parnasiana, ou antes, pós-simbolista” com a nova geração “bem mais marcada pelos problemas do mundo” (ANDRADE, 1981, p. 14). O grupo da Taberna da Glória será essencial durante a passagem de Mário de Andrade no Rio de Janeiro, um dos poucos pontos positivos de seu “exílio” carioca (CÂMARA, 2004). É notável a admiração dos “moços do Rio” com o escritor paulistano. Murilo Miranda estabelece fortes vínculos fraternos com Mário, o que se espalha nas centenas de cartas enviadas pelo jovem carioca ao escritor paulistano. Ainda como contínuos e fundamentais colaboradores

da “geração anterior”, aparecem Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Sérgio Milliet, Luís Martins e Carlos Drummond de Andrade.

O empenho de Murilo Miranda se fez presente, ainda, na criação de uma editora vinculada à *R.A.* Entre as edições realizadas com o suporte editorial da revista, destacamos a *Antologia da Moderna Poesia Brasileira*, em 1939, cujo prefácio faz um panorama da poesia brasileira, aborda a questão da inovação e da permanência da poesia, bem como sua presença em um cenário de guerra. Cada poeta selecionado recebe, na *Antologia*, um perfil biográfico. São reunidos poemas de Manuel Bandeira (que abre a seleção), Mário de Andrade, Raul Bopp, Murilo Mendes, Felipe d’Oliveira, Adalgisa Nery, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Oneida Alvarenga, Onestaldo de Pennafort, Vinicius de Moraes, Tasso da Silveira, Murilo Araújo, Ronald de Carvalho, Alphonsus de Guimaraens Filho, Sérgio Milliet, Emílio Moura, Abgar Renault e Cecília Meirelles, no intuito de abarcar as distintas vertentes poéticas da época.

Em 1943, a editora da *R.A.* publicou uma série de luxo de álbuns ilustrados. Denominado de “Clube do Livro”, seria um dos pontos altos da trajetória editorial da revista, dando ênfase à união entre literatura e artes plásticas, um dos aspectos mais caros da empreitada editorial comandada pelo jornalista. Foram lançados os seguintes títulos: *Mangue*, desenhos de Lasar Segall com texto de Mário de Andrade e poemas de Manuel Bandeira e Jorge de Lima; *Poemas traduzidos* de Manuel Bandeira e ilustrações de Alberto da Veiga Guignard; *Dois dedos* de Graciliano Ramos e ilustrações de Axel de Leskochek; *Mensagem etérea*, poemas de Manoel de Abreu e ilustrações de Portinari; *Poemas negros* de Jorge de Lima com prefácio de Gilberto Freyre e ilustrações de Lasar Segall; *A canção de amor e de morte do porta-estandarte* de Rainer Maria Rilke e ilustrações de Arpad Szenes e tradução de Cecília Meireles; *A canção de Dixie* de Ademar Vidal com prefácio de Manuel Bandeira e ilustrações de Oswaldo Goeldi.

Com o término da *R.A.*, Murilo Miranda seguiu em seu papel de promotor cultural assumindo diversos postos no funcionalismo público que viria a exercer com “extraordinária capacidade de transformar cargos burocráticos em centros irradiadores de cultura e arte” conforme recorda Moacir Werneck de Castro (1981). A forte lição marioandradina repontou na atuação política de Murilo que manteve vivo o espírito do escritor paulistano, especialmente, na criação de políticas e ações públicas para o empenho em facultar o acesso às artes para todas as camadas da população, unindo o popular e o erudito.

Em 1950, quando assume o cargo de diretor de publicidade do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), lança a revista *Cultura e Alimentação*, responsável por divulgar

os resultados da SAPS, mas também contará com trabalhos de escritores que atuaram na R.A., tais como Érico Veríssimo e Ribeiro Couto, que enviará estudos da alimentação da antiga Iugoslávia, do seu período como embaixador em Belgrado. Murilo foi diretor, por duas vezes, do Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1956-1957 e 1965-1967). Entre os feitos notáveis, quando estava no Municipal e chegou a ocupar o cargo de presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, temos a série de espetáculos de balé, ópera e orquestra sinfônica realizados no Maracanãzinho, algo inédito naquele momento. Entrou para a história da cidade o espetáculo de Tamara Toumanova, bailarina russa, em 1956, que reuniu vinte e cinco mil espectadores no estádio.

Murilo foi diretor da Rádio Ministério da Educação e da Cultura e Rádio Roquete Pinto (1961-1964). A manchete “Novo Diretor da Rádio Ministério da Educação” anuncia a posse do cargo em notícia de 1º de março de 1961 no jornal *A Noite* (p. 4), e na qual se recapitula as várias funções assumidas por Murilo Miranda, conforme destacamos abaixo:

Trata-se de elemento devidamente credenciado para aquelas funções, em virtude de seus conhecimentos sobre os problemas específicos da Rádio Ministério da Educação, dada a atuação que desenvolveu anos nos seguintes cargos: chefe de Publicidade do SAPS, onde teve ocasião de estruturar e desenvolver os serviços de radiodifusão da autarquia; diretor do Serviço de Recreação Operária; membro do Conselho Técnico do Museu Nacional de Belas-Artes; membro da Comissão Artística e Cultura do Teatro Municipal e depois diretor da nossa principal casa de espetáculos (NOVO..., 1961, p. 4).

Na Rádio MEC, Murilo seria o responsável pela criação do programa diário *Quadrante* destinado à transmissão de crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, ou seja, prosseguindo com a divulgação da literatura brasileira, porém num meio de comunicação de maior alcance. O programa estreou em 17 de abril de 1961 e se tornou um marco na história do rádio brasileiro. Retomamos o depoimento do ator Paulo Autran (2010, *podcast*), o intérprete das crônicas, sobre a atuação de Murilo na Rádio MEC e a repercussão que o programa alcançou de forma inédita:

Comecei a trabalhar na Rádio MEC, em 1957, a convite de Murilo Miranda que, então, dirigia a Rádio. Ele era um homem que tinha trânsito por todos os meios intelectuais do país. [...] Era um homem com uma visão sobre cultura extraordinária. E ele teve então a ideia de fazer o programa *Quadrante*, que eram cinco minutos em que eu lia crônicas. E os cronistas eram a nata da inteligência do Rio de Janeiro. [...] Durava no máximo cinco minutos, que era o tempo de leitura de uma crônica. Ia ao ar às oito horas da noite, e era repetido no dia seguinte, ao meio-dia. Era um dos programas de maior audiência. O

sucesso do *Quadrante* foi uma coisa extraordinária, na época, porque a Rádio MEC nunca teve a pretensão de rivalizar com nenhuma rádio comercial — é uma rádio que sempre se dedicou mais às coisas culturais e sabia, portanto, que teria menos ouvintes, habitualmente. Foi a primeira vez na história da Rádio em que um programa teve maior audiência que os programas das rádios comerciais (AUTRAN, 2010, *podcast*).

As crônicas foram reunidas e organizadas, em 1962, por Murilo Miranda em dois volumes: *Quadrante 1*, *Quadrante 2*. Além das crônicas diárias de *Quadrante*, a Rádio possuía uma diversificada programação de crítica e de literatura, com quatorze atrações produzidas por professores ou escritores, conforme aparece no relatório das atividades da rádio: “Páginas de Ouro da Literatura Brasileira” (Tristão de Athayde); “Obras-primas da Literatura Universal” (Cecília Meireles); “Presença e Atualidade de Dante Alighieri” (Adolfo Celi); “Como compreender Shakespeare” (Eugênio Gomes); “Errar é Humano” (Nestor de Holanda); “Festas e tradições do Brasil” (Cecília Meireles); “Quem é o autor?” (Edna Savaget); “Camões, poeta de todos os tempos” (Cleonice Berardinelli); “Revista Literária” (Celina Ferreira); “Correio Imortal” (Maria do Carmo Ferreira); “Um pouco de literatura francesa” (Maluh de Ouro Prêto); “Crônica da Semana” (Maluh de Ouro Prêto); “O tempo passa” (Maluh de Ouro Prêto) e “O assunto é literatura” (Newton Braga).

Com o golpe militar de 1964, a direção da Rádio sofre mudanças radicais, Murilo deixa o cargo. Não obstante os rumos políticos adversos, o escritor segue, ativamente, no papel de promotor da cultura, a exemplo do seu mandato pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, quando foi vereador pela União Democrática Nacional (UDN), entre 1959³ e 1962, sendo “considerado intransigente defensor das artes” (NOVO..., 1961, p. 4).

Na ocasião, entre as ações como vereador, Murilo Miranda confere o título de cidadão carioca ao escritor Ribeiro Couto, reconhecendo a importância do trabalho do crítico. Em notícia de 22 de novembro de 1959 no jornal *Correio da Manhã* (O PODER..., 1959, p. 4), aparece o projeto do vereador para a gravação de discos de óperas brasileiras: “Digna de louvores esta oportuna iniciativa do edil carioca, propiciando a chance de mais ampla divulgação da música erudita brasileira através do disco, não só no âmbito nacional como também no exterior. ”

É nomeado secretário geral do Conselho Nacional de Cultura (1965) e depois diretor do Serviço de Documentação do Ministério de Transportes (1968-1971), seu último cargo público.

³ Dentre as fontes consultadas para a revisão da biografia de Murilo Miranda, 1960 é indicado como o ano inicial do mandato de vereador (VELASQUES, 2000). Não obstante, no Acervo Murilo Miranda (Caixa 10), consta o diploma de vereador homologado na sessão de 21 de novembro de 1958 e, na Hemeroteca Digital, encontramos esta notícia, de 1959, sobre o projeto de Murilo Miranda aprovado na Câmara de Vereadores. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 24-42, jul./dez., 2022

Entre os resultados da sua atuação no Ministério, sobressai a publicação do álbum *Arte & transporte* (1971), uma coletânea de vinte e seis serigrafias de treze artistas, entre os quais Djanira e Frank Schaeffer. Falece na cidade do Rio de Janeiro em 30 de abril de 1971.

A intensa atividade editorial do jornalista, reunindo e divulgando as obras de autores, hoje, canônicos em nossa literatura, não atingiu a própria produção. Manuel Bandeira, na *Antologia de poetas brasileiros bissextos contemporâneos*, cuja primeira edição é publicada em 1946, inclui poemas de Murilo Miranda, sendo uma das poucas iniciativas em que a produção literária de Murilo alcança um espaço de destaque. Em 1964, Francisco Mignone compõe melodias para quatro poemas de Murilo, publicando as partituras pela Editorial Mangione S.A.

Autor de inúmeros artigos — é o colaborador mais frequente da *R.A.* com vinte e sete artigos (VELASQUES, 2000) — exerceu uma expressiva carreira jornalística. Entre as atividades desempenhadas, destaca-se a de crítico de artes no jornal *Tribuna da Imprensa*, fundado por Carlos Lacerda, em 1949. Entretanto, seus poemas e artigos não ganharam uma edição própria e se encontram dispersos nas páginas das revistas e jornais onde atuou.

Conhecemos, indiretamente, sua condição de um dos interlocutores mais assíduos e relevantes com Mário de Andrade (1981), cuja correspondência descortina um panorama social e cultural recobrando as décadas de 1930 e 1940, constituindo-se uma importante fonte biográfica para o poeta paulistano. Contudo, além da troca epistolar com Mário de Andrade, a rede de correspondentes de Murilo Miranda permite retomar tanto a importância do editor carioca e sua atuação intensa na promoção das artes no Brasil, quanto os debates e as discussões em voga entre os intelectuais e artistas daquele momento, conforme analisamos na próxima seção.

3 Quadrantes da correspondência de Murilo Miranda

As cartas recebidas por Murilo Miranda se encontram distribuídas nas caixas 1, 3, 5, 10 e 11 no acervo do escritor na FCRB. Conforme o recorte realizado para o presente estudo, destacamos os remetentes entre as décadas de 1930 e 1940, período da publicação da *R.A.* que estão armazenadas, principalmente, na décima primeira caixa. Existe uma significativa quantidade de cartas comerciais — sobre a distribuição da revista — mas também de artistas e intelectuais que participaram da publicação. Localizamos oitenta e cinco remetentes, cinco com identificação parcial e quatro sem identificação, totalizando duzentos e sete documentos manuscritos ou datilografados. As cartas estão escritas, majoritariamente, em português, mas

existem cartas em espanhol, inglês e francês, demonstrando a colaboração e a divulgação em outros países. Dividimos os missivistas em grupos de acordo com o número de cartas encontradas (Tabela 1):

Tabela 1 – Cartas.

Grupo	Total de cartas arquivadas	Remetentes
Grupo I	1 carta	Adolpho Weberman; Abelardo Jurema; Alceu Amoroso Lima; Alfredo [?]; Álvaro Moreyra; Aníbal Machado; Antônio Girão Barroso; Arnaldo Pedrosa Horta; Arthur Pucú; Astrojildo Pereira; César [?]; Francisco de Assis Barbosa; Francisco Karam; G. Alonzo Stanford; Gilberto Freyre; Godofredo Filho; Gustavo Capanema, H. da Folha do Norte; Herbert Moses; Hodson Menezes; Homero Lima Jr.; Jarbas de Carvalho (DIP); Jean Paullan; Jorge Amado; José César Borba; José Gomes Sicre; José Osório de Oliveira; José Quintiliano de Oliveira; Júlio Barbosa; Lauro Escorel; Lídia Besouchet; Livraria E. Malheiros; Livraria Souza; Lúcio Cardoso; Lygia Fagundes Telles; Manoel de Abreu; Miguel Costa Filho; Octavio de Faria; Odilo Costa Filho; Oswaldo Alves; Paulo Dantas; Paulo Mendes Campos; Raymundo Souza Dantas; Reynaldo Bairão; Richard Lewnisohn; Rubem Dioni; R. Vrinat; Thomas Man [secretária]; Verner W. Clapp; William C. Burdett (Embaixada dos EUA); Wilson Veloso; Zora Seljam Braga. Dois cartões e duas cartas com remetentes não identificados.
Grupo II	2 a 5 cartas	Abgar Renault (5); Alphonsus de Guimaraens Filho (2); Carlos Drummond de Andrade (5); Carlton Sprague Smith (2); Dominique Braga (4); Érico Veríssimo (2); Escritório de Serviços de Imprensa (3); José Bezerra Gomes (3); Lasar Segall (5); Leonardo Oliveira Bezerra (2); Luis Saia (2); Maurício [?] (2); Newton Freitas (2); Nicanor Miranda (2); Odorico Tavares (2); Oscar Nicolai (2); Otávio Dias Leite (2); Otávio Tarquínio de Souza (3); Renato Almeida (2); Robert Smith (4); Telmo Vergara (3).

Grupo III	6 ou mais cartas	A. D. Tavares Bastos (23); António Botto (6); Chico Peixoto (12); Edgard Cavalheiro (10); Embaixada da França (16); Luís Martins (12); Rui Ribeiro Couto (8), Sérgio Milliet (6).
TOTAL: 207 documentos		

Ao observar o conjunto heterogêneo das cartas recebidas por Murilo Miranda, deparamo-nos com o fato de que as cartas são “objetos com uma geometria variável” conforme atesta José-Luiz Diaz (2012, p. 119) no ensaio “Qual genética para as correspondências?”. Retomamos, pontualmente, o trabalho de Diaz, suas problematizações e diretrizes, a fim de estabelecermos critérios para organizar o material epistolar do acervo de Murilo Miranda que se apresenta variado, quantitativa e qualitativamente, considerando as questões pertinentes à materialidade, aos usos e às funções.

Nesse fundamental estudo sobre a genética para as cartas, o professor aborda os problemas e pontos fortes do objeto epistolar, cuja fragilidade, paradoxalmente, produz sua força. Se a carta está sujeita aos acasos postais, editoriais e censórios dos destinatários prudentes ou temerosos, ela traz em si a condição de ser obra e rascunho ao mesmo tempo:

mesmo quando a carta é única, quando ela se expõe totalmente sozinha, desprovida de uma gama tranquilizadora de paratextos, ela constitui seu próprio rascunho: sem o saber, ou sem querer, ela nos faz, assim, participar dos seus diferentes estados, mesmos estados da alma (e do corpo) daquele que a escreveu, lágrimas e borrões incluídos (DIAZ, 2012, p. 121).

Segundo José-Luis Diaz (2012, p. 142), o “objeto semiológico complexo” suscita, em torno da sua gênese, três questões fundamentais: a função de arquivo literário; os aspectos inerentes à sua materialidade, premida entre a preservação e a falta, bem como as convenções de composição, entre improvisado e artifício; e, por fim, os parâmetros adotados, ao longo do tempo, para a edição das cartas, quando estas conquistam a “plena dignidade editorial” com um novo suporte (livro) e novos leitores.

Sobre “o caso excepcional — mas ideal” das cartas como “ateliê literário”, Diaz percorre as possibilidades intrínsecas às cartas-arquivo. A principal é a de laboratório ou “caixa registradora” de uma obra literária, expondo as diversas fases de sua elaboração, desde o “projeto informe” até o “lento e inexorável esvanecimento nas águas turvas da memória” (DIAZ, 2012, p. 123). Como diário e crônica da obra, a carta ilumina não só a sua gênese, mas também as relações com o cenário cultural, as prerrogativas estéticas, funcionando como

comentário crítico, captando o diálogo, por vezes, desigual entre “mestres” e “servidores” dos epistológrafos.

Nesse sentido, é crucial entender “sobre quais ‘momentos’ da gênese as trocas epistolares convergem preferencialmente: elaboração pré-escritural (*inventio*), organização (*dispositio*), formulação estilística (*elocutio*), ou ainda [...] após o evento de publicação” (DIAZ, 2012, p. 127). Comporta, ainda, o registro das obras virtuais, aquelas cujas ideias se conservam no “formol epistolar”, contudo prenhes do poder do “não-ser”. Assume, ademais, a função de fonte de dados biográficos, revelando fatos para os “que procuram o ‘homem’ por trás da obra” (DIAZ, 2012, p. 123).

Entretanto, fora da idealidade desejada pelo leitor de cartas, o geneticista se depara com uma enorme gama de documentos que não apresentam “vestígios da literatura”. O material mais árido aponta para um vazio genético, cujo “ponto mais baixo” é o das cartas não recuperadas, hipotéticas, embora “a carta perdida não [esteja] totalmente destituída de presença. [...] Nós a comentamos, até mesmo a reinventamos, nós a reescrevemos” (DIAZ, 2012, p. 129).

A ausência se espria na falta de arquivos que permitam cotejar as cartas publicadas com as suas versões impressas em função de códigos que colocavam a espontaneidade como a condição da produção epistolar, principalmente, nos séculos XVIII e XIX. Subsistem uns poucos arquivos “ocultos” que, ambigualmente, lidam com as expectativas da produção improvisada e a perspectiva da posteridade. Não obstante o jogo com os códigos epistolares de composição e preservação, Diaz aponta para a “situação bem mais irritante” sobre a realidade de conservação das missivas:

A norma, então, é infelizmente, a desordem — e sobretudo a ausência. A ausência de autógrafo, ausência de rascunho, ausência de cópia: sempre falta alguma coisa. A genética epistolar se encontra frequentemente reduzida a um quebra-cabeças cujas peças se perderam (DIAZ, 2012, p. 140).

Recordando as diferentes estratégias de escrita e deciframento, tanto por parte do remetente, quanto do destinatário, Diaz refaz o percurso das primeiras publicações, cujo gesto inicial de cópia — mais ou menos fiel ao texto — vai desde intervenções e reescritas do texto autógrafo até a “reprodução literal”, incluindo erros, rasuras e lacunas. Contudo, as publicações que facultam acesso a este material, quando “bem editadas”, são “Banhos verdadeiramente genesíacos (mais ainda do que simplesmente genéticos), que dão às múmias da história literária um frescor pompeiano” (DIAZ, 2012, p. 161).

As lições de Diaz nos advertem sobre a impossibilidade de determinar uma via única para o estudo genético da carta. Por outro lado, dada a complexidade do objeto, abrem-se inúmeras sendas ao “leitor de cartas [que] é, então, naturalmente semiólogo, psicólogo, grafólogo e...geneticista” (DIAZ, 2012, p. 143). Entender as dimensões – físicas, semióticas e pragmáticas – é crucial para captar a luz que ela pode lançar à compreensão da literatura ou como participante do “trabalho íntimo da Musa” (DIAZ, 2012, p. 123).

O presente trabalho se volta, também, para os aspectos legais que envolvem a edição e divulgação do texto epistolar no Brasil. Eliane Vasconcellos trata das leis que instituem o sigilo e a confidencialidade desses documentos e nos adverte que “Trabalhar com cartas missivas requer cautela” (VASCONCELLOS, 2012a, p. 67). Há uma série de implicações de ordem ética e jurídica que incide sobre a pesquisa e uso das missivas. O direito material do documento é do destinatário, enquanto o direito autoral pertence ao remetente, ambos protegidos pelo direito à intimidade. No caso das instituições que recebem a correspondência dos escritores: “O arquivo apenas guarda a documentação. Por essa razão ele não pode autorizar a publicação do seu material, no que diz respeito aos dois direitos mencionados: o autoral e o da intimidade” (VASCONCELLOS, 2012a, p. 64).

Sobre as atividades do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da FCRB é sempre observada “*a vontade expressa do doador*, antes ou depois da doação já efetuada” (VASCONCELLOS, 2012a, p. 67, grifos da autora). Observa-se ainda a proteção à intimidade e detectado algum problema que fira o direito à privacidade, o doador é consultado sobre a autorização para reservar o material.

Em atenção aos marcos legais e institucionais vigentes, nosso trabalho preserva os direitos autorais dos remetentes dentro das possibilidades facultadas ao pesquisador pela Lei de Direito Autoral (Art. 49, 2§). Não há citações diretas dos documentos analisados, nem menção a questões de ordem pessoal e que possam implicar em descumprimento ao direito à privacidade, concentrando-nos na prospecção e o potencial guardado por essa correspondência.

Passamos à classificação do *corpus* da correspondência passiva de Murilo Miranda, neste levantamento inicial, com base nos direcionamentos de José-Luis Diaz (2012). As cartas são um “arquivo” da *Revista Acadêmica*, fornecendo elementos, por exemplo, da elaboração das obras literárias ou críticas que a integraram e a trajetória editorial da publicação. O panorama dos “tempos sombrios” se faz presente, sub-repticiamente, nos comentários sobre as produções e o contexto sociocultural daquele período (a carta é crônica cultural), permitindo conhecer a ação dos intelectuais. Nesse caso, a R.A. não foge ao espírito do momento e “que

consistia em procurar uma atitude de análise e crítica em face do que se chamava incansavelmente a ‘realidade brasileira’” (CANDIDO, 2011, p. 227).

Os três usos elencados, que podem aparecer, concomitantemente, numa mesma missiva, nos permitem vislumbrar o potencial dos textos e conhecer um dos mais importantes momentos de nossa literatura, em que a consciência política e a “perda de auréola do Modernismo, proporcional à sua incorporação aos hábitos artísticos e literários” (CANDIDO, 2011, p. 223) produzem uma “visão renovada, não convencional, do seu país, visto como um conjunto diversificado mas solidário” (CANDIDO, 2011, p. 227).

No *corpus* da correspondência passiva de Murilo Miranda encontramos, de forma mais abundante, a menção das colaborações enviadas pelos artistas e críticos para a publicação na *R.A.*, como também uma intensa troca de livros — próprios ou de terceiros —, com recomendações críticas e pedidos de distribuição. Prevalece, portanto, a função de “caixa registradora”, ainda que seja possível colher informações sobre a gênese (*inventio, dispositio, e elocutio*) de algumas obras, o contexto editorial — o que estava em voga no panorama literário — e os comentários sobre a recepção dos textos.

Assim, acompanhamos, pelas cartas, o itinerário das colaborações para os números temáticos da *R.A.* que possuíam como ponto focal a homenagem a um artista ou um país. Verifica-se, por exemplo, a mobilização para os números dedicados à França e à Itália; aos pintores Cândido Portinari, Lasar Segall e Tarsila do Amaral; ao escultor Bruno Giorgi; aos escritores Antônio Botto, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, Mário de Andrade e Romain Rolland.

Circulam, com as cartas, manuscritos para publicação na revista. Infelizmente, muitas missivas estão desacompanhadas de seus respectivos textos literários e artigos, restando poucos manuscritos/datiloscritos originais da correspondência. Há notícias sobre o envio de poemas de Abgar Renault, Alphonsus de Guimaraens Filho, Antônio Botto, Antônio Dias Tavares Bastos, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dominique Braga, Francisco Karam, Gustavo Capanema, Hélio Pellegrino, José Bezerra Gomes, Luís Martins, Natércia Freire, Nicanor Miranda, Reynaldo Bairão, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Odilo Costa Filho e Telmo Vergara. Menciona-se, também, um número expressivo de textos em prosa — contos e ensaios — escritos por Alceu Amoroso Lima, Edgard Cavalheiro, Francisco Peixoto, Godofredo Filho, Jorge Amado, Luis Martins, Octavio de Faria, Pierre Gueguen, Ribeiro Couto, Robert Smith, Sérgio Milliet e Tarsila do Amaral. Era comum o pedido de Murilo para que os pintores ilustrassem poemas e contos publicados na *R.A.* e, na correspondência. Há notícia de envio de

desenhos de Alberto da Veiga Guignard, Cícero Dias, Lasar Segall, Tomás Santa Rosa Jr. e Tarsila do Amaral.

Cabe, ainda, mencionar as “obras virtuais”, os projetos de publicação que não ganharam as páginas dos livros, mas são registradas pelas cartas. Entre os projetos literários que ficaram restritos ao espaço epistolar muriliano, aparecem os títulos *A noite de ontem (reflexões de um intelectual alemão antinazista)*, *Diário de Anacleto Setestrello* (com um trecho publicado na *R.A.*), *L'Épingle et le Jeu*, *Terra do Sem-sossego*, o *Triste Caso de Charles Maurras* de A. D. Tavares Bastos que solicitou a Murilo Miranda a intermediação para a edição desses textos no Brasil. Registra-se, também, a tentativa de publicação, em 1947, do romance *Ouro Branco* de José Bezerra Gomes.

Sobressai, nas cartas, o notável trabalho de tradução empreendido por A. D. Tavares Bastos e apoiado por Murilo. O escritor fluminense, radicado na França, desempenhou um papel relevante na difusão da literatura brasileira, intermediando a tradução de livros de escritores brasileiros como Graciliano Ramos, Marques Rebello e Jorge de Lima para o francês nas editoras Seghers, Gallimard e Charlot, conforme se pode verificar na correspondência com Murilo.

Por vezes, as cartas citam ou são acompanhadas de livros para a apreciação do destinatário ou dos colaboradores da *R.A.* e a divulgação nas páginas da revista. Pode-se organizar e consultar, a partir do *corpus* epistolar, uma espécie de biblioteca volante e informal da *R.A.* Tomamos nota, assim, dos lançamentos literários (romances, antologias poéticas) e críticos do período, abarcando desde as grandes editoras até as publicações independentes. Compõem a biblioteca da *R.A.* os seguintes títulos: *L'école des disparus* (1946) *L'introduction à la poésie Ibéro-Américaine* (1947) de Antônio Dias Tavares Bastos; *Fagundes Varela* (1940) de Edgard Cavalheiro e o primeiro volume da *Biblioteca Histórica Brasileira* (1941) da Editora Martins; *Calunga* (1935) de Jorge de Lima; *Retrato de Ferreira Itajubá* (1944) e o livro de poemas “fora de mercado”, *No mundo da lua*, de José Bezerra Gomes; *Roberto* (1935) e *Poemas*, em “edição clandestina”, de Sérgio Milliet; *Figueira Velha* (1936) de Telmo Vergara; *Lapa* (1936), *A terra come tudo* (1937) e *Fazenda* (1941) de Luís Martins.

Igualmente, registra-se a circulação dos “álbuns de luxo”, isto é, os livros ilustrados que foram produzidos pela editora da *R.A.* A publicação de *Mangue*, por ser a primeira da série, repercute, positivamente, entre os correspondentes que reiteram os elogios à qualidade estética e editorial do livro. Aparecem, ainda, menções a outros livros da série: *Dois dedos*, *Poemas negros*, *Mensagem etérea* e *A canção de amor e de morte do porta-estandarte*.

Ademais, através desse levantamento da correspondência passiva de Murilo Miranda, pode-se traçar uma cartografia do alcance e abrangência da *Revista Acadêmica*. Embora a revista fosse editada na cidade do Rio de Janeiro, os exemplares circulavam em outros estados e é possível rastrear, além dos leitores entre os correspondentes, aqueles que colaboraram para sua distribuição.

Consoante aos dados provenientes do levantamento no Acervo, nacionalmente, a *R.A.* circulou em estados do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste. Na região Norte, registra-se o pedido de Arthur Pucú em Manaus. Na região Nordeste, aparecem os pedidos de envio de exemplares para os estados da Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte. Na Bahia, a Livraria Souza realiza a distribuição em Salvador e há o registro do pedido dos álbuns de luxo por Odorico Tavares. No Rio Grande do Norte, os jornalistas José Bezerra Gomes e Leonardo Oliveira Bezerra auxiliam na divulgação e distribuição da *R.A.* em Natal. No Ceará, Hodson Menezes (Livraria Menezes) é o representante em Fortaleza.

No Sudeste, há presença de um grupo mineiro expressivo, com os correspondentes Alphonsus de Guimaraens Filho, Otávio Dias Leite, Otávio Tarquínio de Souza, Paulo Dantas, Paulo Mendes Campos tratando da divulgação dos exemplares da *R.A.* e dos “álbuns de luxo” em Belo Horizonte e Francisco Peixoto, em Cataguases. Há uma intensa divulgação no estado de São Paulo, conforme noticiam Ant3nio Botto — que trata de uma possível parceria com Monteiro Lobato — Edgard Cavalheiro, Homero Lima Jr., Reynaldo Bair3o, S3rgio Milliet, Lu3s Martins, Wilson Veloso e o representante do “Escrit3rio de Serviç3s de Imprensa” da Distribuidora Record Ltda (possivelmente Arnaldo Pedrosa Horta que aparece identificado em uma das cartas com o mesmo papel timbrado). Em São Paulo, consta, também, o pedido de assinatura por José Quintiliano de Oliveira. No Sul do país, o estado do Rio Grande do Sul é o destino principal da *R.A.*, com 3rico Ver3ssimo, Telmo Vergara e o gerente da Livraria E. Malheiros divulgando e/ou distribuindo a revista em Porto Alegre.

Alguns escritores colaboram na funç3o de “correspondentes internacionais” da *R.A.* na Argentina, Estados Unidos da Am3rica, França e Portugal. O casal de escritores, L3dia Besouchet e Newton Freitas, pede o envio da *R.A.* para Buenos Aires, durante o ex3lio do escritor capixaba na Argentina. Nos Estados Unidos, Robert Smith, Ribeiro Couto e G. Alonzo Stanford mostram a repercuss3o da *R.A.* como fonte de estudo da literatura brasileira no meio acad3mico estadunidense. Na França, Ant3nio Dias Tavares Bastos 3 um representante entusiasta, divulgando, distribuindo e buscando colaboradores para a publicaç3o. Em Portugal,

José Osório de Oliveira se dispõe a auxiliar a distribuição da *R.A.* em Lisboa e encaminha colaborações.

Junto com o inventário da revista — quantidade, pontos de distribuição, divulgadores — delinea-se um mapa literário surgem os comentários sobre a recepção, o que é apreciado pelos leitores e críticos, e o que vigora na literatura, as tendências inovadoras ou conservadoras nos diferentes destinos em que a *R.A.* circulou.

Recompondo o “quebra-cabeça” da correspondência de Murilo Miranda, são perceptíveis dados e situações que a transformam numa crônica cultural de “tempos sombrios”, isto é, “o mundo da primeira metade do século XX, com suas catástrofes políticas, seus desastres morais e seu surpreendente desenvolvimento das artes e ciências” (ARENDR, 2008, p. 5). Hanna Arendt discorre sobre as contradições daquele momento enfeixando-as numa instigante metáfora visual retirada do poema de Brecht. Os contrastes de luz e sombra, transparência e opacidade, visibilidade e cegueira marcam os discursos que tentam desvelar ou encobrir as situações extremas de violência que marcaram essas décadas.

Assim, o desfecho trágico dos homens e mulheres estudados por Arendt na função de iluminar o que o discurso opressor “varre para sob o tapete, com exortações, morais ou não, que, sob o pretexto de sustentar antigas verdades, degradam toda a verdade a uma trivialidade sem sentido” (ARENDR, 2008, p. 5-6). A potência da metáfora empregada por Hanna Arendt traduz a compreensão do papel intelectual em que

mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais de luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra [...] (ARENDR, 2008, p. 6).

Um cenário semelhante se desenhava no Brasil das décadas de 1930 e 1940. O depoimento de Carlos Drummond de Andrade, em 1975, sobre Murilo Miranda e a *Revista Acadêmica* relembra o cenário opressivo e violento enfrentado pelos intelectuais participantes da publicação que foi “editada quase totalmente em período de liberdade pouca e consentida, quando não recusada” (ANDRADE, 1975, p. 5). Por outro lado, a metáfora da ação intelectual como luz desmistificadora, também, animava os participantes da publicação brasileira. A revista aparece caracterizada, na correspondência, como “farol” em meio aos tempos de trevas ditatoriais, um dos poucos veículos a não compactuarem com os discursos opressores “desses brasis” em meio à ditadura e à guerra.

Nesse sentido, a opção pelos números com homenagens foi um recurso lançado por Murilo, a partir de 1937, no intuito de lidar com a censura que estava à espreita, sem abrir, todavia, mão do pensamento crítico. As homenagens não eram fortuitas e indicavam a linha política seguida que era contrária ao fascismo e ao nazismo. A escolha dos homenageados expressava os valores prezados na publicação e, no espaço epistolar, comentava-se o significado de cada um dos eleitos.

Aparece uma intensa mobilização, por exemplo, para os números dedicados ao pintor Lasar Segall e à França. O artista de origem russa, nascido no território correspondente, hoje, à Lituânia, desperta grande admiração e é qualificado de genial pelos correspondentes, alcançando uma “grandiosa simplicidade expressiva”. A obra de Segall surge como a representação pictórica dos mais duramente atingidos pelas catástrofes sociais do período, sendo o testemunho da condição dos imigrantes nos navios ou das mulheres prostituídas no Mangue, antiga zona do meretrício no Rio de Janeiro. Habitual colaborador da *R.A.* e da editora, as cartas do pintor, por seu turno, dão notícias da cena artística em São Paulo e Nova York. O número dedicado ao pintor, publicado em 1944, é citado, nas cartas e nas crônicas de rememoração da trajetória da *R.A.*, como uma das melhores fontes sobre a obra do pintor.

Sobre a elaboração do número sobre a França, são as missivas de Antônio Dias Tavares Bastos as que contêm mais informações. O escritor se empenha para conseguir contribuições de autores franceses como André Gide, Jean-Paul Sartre e Vercors (pseudônimo de Jean Marcel Adolphe Bruller). Esse número, publicado em 1947, é uma celebração da França como símbolo revolucionário, no qual se lembrava, igualmente, da atitude de resistência frente à ocupação nazista. O país representa, para os correspondentes, a “pátria do espírito e da sensibilidade”, cujas ideias seguem iluminando as letras no mundo. Ao lado do número dedicado a Segall, o número sobre a França é citado como um dos exemplares em que a revista atinge sua excelência gráfica, editorial e crítica.

Nas cartas, recupera-se, também, a admiração às figuras de Federico García Lorca, Romain Rolland e Mário de Andrade. O primeiro é alvo de estudos e elogios de Antônio Botto e Edgard Cavalheiro. A força da obra lorquiana era vista como um libelo à liberdade, que acabaria por transformá-lo em trágica vítima do governo franquista. Ao escolherem como um dos autores a serem lembrados, é uma forma de manter viva sua mensagem e se opor ao totalitarismo que grassava na Europa e no Brasil. Já o escritor francês Romain Rolland recebe homenagens na revista e dos remetentes pela sua atitude antifascista e engajamento político. Há

elogios ao escritor, pedidos para colaborar na homenagem feita pela R.A. e de informações sobre a “Sociedade de Amigos de Romain Rolland”, fundada em 1945.

Mário de Andrade é citado por vários remetentes e se percebe a incansável ação do escritor paulistano com as colaborações mencionadas por Edgard Cavalheiro e Sérgio Milliet. Segue, muito forte, sua função de crítico com a menção de livros enviados para a avaliação do autor de *Macunaíma*, como se registra nas cartas do casal Lídia Besouchet e Newton Freitas. Também, surgem as polêmicas e enfrentamentos como na discussão de notas feitas por Carlos Lacerda e Astrojildo Pereira. Aparece menção, em 1944, à elaboração do número em homenagem ao escritor que saiu em abril de 1945, pouco depois da morte de Mário de Andrade. Nota-se, entretanto, a mobilização dos correspondentes em enviar condolências a Murilo Miranda, solidarizando-se e mencionando a forte amizade que unia ambos. Lamenta-se a perda irreparável de uma “coluna” da cultura nacional e as repercussões da notícia nas cartas de Lasar Segall, Nicanor Miranda e Ribeiro Couto.

Por fim, há uma discussão permanente em torno da poesia e sua importância num momento tão adverso. A presença da poesia não se restringe ao envio das produções para a R.A., mas integra um debate maior entre “arte pura” e “arte social”, um dos problemas centrais na arte poética do século XX no Brasil. Como produzir poesia numa sociedade, contraditoriamente, cada vez mais técnica e bárbara? A poesia teria espaço na sociedade moderna? Todas essas questões reverberam no empenho de A. D. Tavares Bastos em levar a poesia brasileira para a França e sua leitura entusiasmada do poema a Stalingrado de Drummond, na percepção desencantada de Sérgio Milliet da poesia escondida em edições clandestinas naqueles dias “brutos”, nos estudos de António Botto, Edgard Cavalheiro e Luís Martins e na organização do “Congresso de Poesia” (1942), em Fortaleza, por Antônio Girão Barroso.

4 Considerações Finais

Afinal ele animava a si mesmo, insistindo em editar uma publicação que não se declarava mensal, trimestral ou anual, porque não tinha condições de estabelecer periodicidade regular. [...] Extinta irrecuperavelmente a revista (nova situação, novo ambiente), falava em ressuscitá-la. Não duvido que, em algum lugar etéreo, não devassado ainda por astronautas, ele tenha publicado o nº 71 e muitos outros mais (ANDRADE, 1975, p. 5).

Percorrer os quadrantes da correspondência de Murilo Miranda permite recuperar aspectos relevantes da trajetória de um fundamental promotor das artes no Brasil, abrangendo

desde a edição de livros de importantes nomes de nossa literatura até as iniciativas de difusão da música, da dança para grandes parcelas da população. O acervo das cartas recebidas e enviadas pelo escritor, portanto, guarda momentos cruciais do processo de consolidação do Modernismo e das ações culturais com abrangência popular, seja no teatro ou no rádio no Brasil.

O levantamento inicial proposto neste trabalho, com a delimitação da rede epistolar criada em função da *Revista Acadêmica*, recobra um panorama turbulento e de mutação em nossa literatura. Constam, nas missivas, as notícias das ações de divulgação e distribuição da R.A., o envio das colaborações e comentários sobre as obras enviadas, mas também a discussão sobre a função da literatura e do intelectual, seu papel de esclarecedor no debate público diante das possíveis manipulações discursivas que marcavam os “tempos sombrios”, criando estratégias de resistência à censura e à violência.

Agradecimentos

Aos funcionários do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) pelo auxílio gentil e atencioso a esta pesquisa. À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia pela licença concedida para a realização deste trabalho.

Referências

ACERVO MURILO MIRANDA. Sigla: MMi. Procedência: doado por Yedda Braga Miranda. Instrumento de pesquisa: não possui. Estágio de tratamento: não organizado. Dimensão: 2,18 m. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma revista (não) acadêmica. *Jornal do Brasil*, ano 84, n. 288, 23 jan. 1975. Caderno B, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/255556. Acesso em: 06 jul. 2022.

ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda (1934-1945)*. Organizado por Yedda Braga Miranda. Notas Raúl Antelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUTRAN, Paulo. Quadrante. [S. l.]: [S. n.], 20 fev. 2010. *Podcast*. Disponível em: <https://www.podomatic.com/podcasts/quadrante>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CÂMARA, André Luís Pires Leal. Em torno da Taberna da Glória. In: _____. *Na encruzilhada da Lopes Chaves: encontros e descaminhos em Mário de Andrade*. Dissertação Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 24-42, jul./dez., 2022

(Mestrado em Estudos de Literatura) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5196/5196_7.PDF. Acesso em: 21 jun. 2022.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. In: _____. *A educação pela noite*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. p. 219-240.

CASTRO, Moacir Werneck. Orelha. In: ANDRADE, Mário. *Cartas a Murilo Miranda (1934-1945)*. Organizado por Yedda Braga Miranda. Notas Raúl Antelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 15, p. 119-162, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscrita/article/view/177609>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MIRANDA, Yedda Braga. Lembranças. In: ANDRADE, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda (1934-1945)*. Organizado por Yedda Braga Miranda. Notas Raúl Antelo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 5-6.

NOVO diretor da Rádio Ministério da educação. *A noite*, Rio de Janeiro, ano 50, n. 15866, 1 mar.1961, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_06/962. Acesso em: 15 jun. 2022.

O PODER legislativo e o disco. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 59, n. 20448, 22 nov. 1959. 4º Caderno, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/112112. Acesso em: 15 jun. 2022.

VASCONCELLOS, Eliane. Carta-missiva. *Remate de Males*, Campinas, v. 18, p. 62–70, 2012a. DOI: 10.20396/remate.v18i0.8636136. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636136>. Acesso em: 22 jun. 2022.

VASCONCELLOS, Eliane; XAVIER, Laura Regina. *Guia do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2012b.

VELASQUES, Muza Clara Chavez. *Homens de letras no Rio de Janeiro nos anos 30 e 40*. Tese (Doutorado em História Social) — Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/6.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.